

ESTEREÓTIPOS DO NORDESTE NA MÍDIA: O NORDESTE REDUZIDO A CENÁRIOS DE NOVELAS E FILMES¹

Sara Freire Almeida²

Danielle Yasmin Vieira de Andrade³

Geilson Fernandes de Oliveira⁴

Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Juazeiro-BA

RESUMO

Este artigo objetiva analisar os estereótipos produzidos sobre o Nordeste, tendo como base as imagens construídas sobre a região a partir do cinema e da telenovela. Por meio de uma análise crítica, busca-se mostrar como certas interpretações da região reforçam visões ultrapassadas, autoritárias e excludentes. Para isso, utiliza-se o referencial teórico e metodológico do autor Albuquerque Júnior (1999), adotando a perspectiva do seu livro “A invenção do Nordeste”. Os resultados destacam a importância de consumir materiais audiovisuais ou literários que representem o Nordeste de forma clara, rejeitando estereótipos que colocam a região em estado de vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Nordeste; Estereótipo; Novelas; Cinema; Audiovisual.

INTRODUÇÃO

O Nordeste tem sido frequentemente representado na mídia como uma região marcada pela seca, pobreza, atraso e analfabetismo. Essa visão foi criada ao longo de décadas de representações simplificadas e “exóticas” da região na cultura popular brasileira. Isso inclui obras televisivas da Rede Globo, dos horários das 18 às 23h, que auxiliam na perpetuação de estereótipos sobre o Nordeste brasileiro, ignorando sua diversidade cultural, econômica e social. Essas representações contribuem para a construção de uma imagem estereotipada e muitas vezes preconceituosa do Nordeste,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de graduação do Curso de Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III - Juazeiro. E-mail: freiresara808@gmail.com

³ Estudante de graduação do Curso de Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III - Juazeiro. E-mail: danielleyasmintube2@gmail.com

⁴ Orientador. Doutor em Estudos da Mídia. Docente do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III - Juazeiro. E-mail: geilsonoliveira@uneb.br

tendo em vista que são discursos que reforçam narrativas que acabam contribuindo para a manutenção de percepções arraigadas na sociedade brasileira.

Quando o sertão é mencionado em comparação com as regiões Sul e Sudeste, especialmente em produções cinematográficas, é frequentemente descrito como um lugar marcado pelo sofrimento e pela seca, o que perpetua a ideia de que se trata de um território pobre e inferior. Assim, essa representação negativa contrasta com a de outras regiões que enfrentam problemas semelhantes de seca, mas são apresentados como passando por uma “crise hídrica”.

Considerando essas discussões, o presente artigo tem como objetivo analisar os estereótipos produzidos sobre o Nordeste, tendo como base as imagens construídas sobre a região a partir do cinema e da telenovela.

A PRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE O NORDESTE: DA TELENVELA AO CINEMA

A novela da TV Globo, “No Rancho Fundo” (2024), que ia ao ar às 18h, em sua divulgação, usou imagens dos personagens com roupas e pele suja, cabelos desganhados, mulheres com trajes que remetem, ainda, a era do cangaço, remetendo a impressão de que o Nordeste é a região do país mais atrasada, com pouca educação e estudo, sem desenvolvimento econômico. Isso pode contribuir para uma visão limitada e estereotipada da cultura nordestina. Assim, por mais que o autor Mário Teixeira (1968-atual) justifique que contrastes foram usados inteligentemente para evitar cair em estereótipos, ao usar essas caracterizações, ele os reforça ainda mais.

Outro fator muito frequente nessas produções é a marcação severa do sotaque nordestino. Como a maioria do elenco escolhido é de outras regiões, predominantemente Sul e Sudeste, os/as atores/atrizes são induzidos/as a interpretar o sotaque do Nordeste - que por si só é múltiplo - de maneira muito forçada. Exemplo disso foi o que ocorreu na novela “Cheia de Charme” (2012), em que a atriz Cláudia Abreu (1970-atual), mineira, interpretou Chayenne com um sotaque nordestino bem caricato.

Acerca da construção de estereótipos sobre o Nordeste, Simas indica que:

No caso do semiárido, na maioria das vezes, as pessoas que não pertencem a essa realidade se apropriam de uma alocação, criando esse imaginário, o tomando como realidade. Por outro lado, também existem sujeitos que nasceram e cresceram no semiárido e, por muitas vezes, acabam (re)caindo nesses estereótipos (Simas, 2017, p. 3).

Conforme o autor acima destacado, o estereótipo cria um imaginário que, em dados momentos, passa a ser tomado como a realidade. Aí está o problema inerente ao estereótipo, já que ele não é a realidade.

A representação do Nordeste brasileiro na literatura e no cinema é um tema complexo que envolve diversas perspectivas e abordagens. Desde o século XIX, a região tem sido retratada de maneiras diferentes, refletindo tanto a realidade quanto os estereótipos associados a ela. A obra “Vidas Secas” (1938), de Graciliano Ramos, é um exemplo de como a literatura pode abordar questões sociais e econômicas da região. A forma como os personagens são retratados, especialmente Fabiano e sua família, é marcada pela desigualdade social. Nessa construção, a narrativa praticamente animaliza o camponês Nordestino, de modo que a figura mais “humana” é a cadela. Vicente, personagem principal, retirante, não é capaz de dar nomes aos seus filhos, dando nomes de filho mais velho e filho mais novo.

Dessa forma, percebe-se o quanto tais discursos reforçam os estereótipos criados na região. Os tipos “Nordestinos” do pau-de-arara, do coronel, do cangaceiro, do jagunço faziam parte da coleção de características que a chanchada agenciava dos programas de humor de rádio e levava para a tela, já na década de 1940. Nesse sentido, de acordo com Albuquerque Júnior (1999, p. 297), em diversas narrativas, “o nordestino se aproxima muito da imagem do matuto ou do caipira”. Ele é sempre mostrado como a inversão da figura do cidadão, do grã-fino, do bem-educado, do civilizado, do polido” (Albuquerque Júnior, 1999, p. 297).

Assim, observa-se o quanto o nordestino é sempre visto por um ângulo de marginalização. O problema é que, no século XIX, com investimento do café em São Paulo, mais uma vez a região Sul e Sudeste tinham relação de poder e o Nordeste foi visto como campo de oferta de mão de obra a ser mais uma vez explorada. Desde aquela época, os investimentos na região não foram grandes, exceto, quando, mais recentemente, esteve à frente do país um nordestino.

Diante desse contexto de produção audiovisual hegemônica em que há forte produção de estereótipos sobre o Nordeste, o cinema, assim como as telenovelas, também contribuiu para a perpetuação do estereótipo criado em relação à região, inclusive, até antes mesmo destas últimas, enfatizando em suas narrativas os aspectos da pobreza, da seca, da violência e da vida rural difícil. Isto, sem mencionar o fato que os personagens nordestinos são muitas vezes representados de maneira simplista, como heróis ou vilões, sem nuances ou complexidade.

Além disso, há ainda uma tendência a romantizar a vida no Nordeste, ignorando aspectos da modernidade e diversidade cultural da região. Como exemplo disso, aponta-se o filme “O Cangaceiro” (Lima Barreto, 1953), que reforça esse enredo do Nordeste ao retratar a região como um lugar dominado pela violência, onde grupos de cangaceiros impõem sua vontade através da força e do terror. Afora esse aspecto, o filme retrata a vida no sertão como sendo marcada pela seca, pela pobreza e pela falta de oportunidades, contribuindo a visão estereotipada de que o Nordeste é uma região atrasada e violenta.

Ainda na década de 50, o filme “O Canto do Mar” (1953), dirigido por Alberto Cavalcanti, apresentou cenas de imagens-clichês que buscavam localizar o filme com imagens simbólicas e narrativas para situar o espectador no sertão nordestino. A câmera passeia sobre cactos, caveiras de boi, terras rachadas, covas e se ergue para mostrar urubus e árvores secas. Cumprindo a função estética e ideológica, reforçando o imaginário construído sobre a região: um lugar de seca e abandono. Para reforçar a identidade destas imagens, surge um mapa da região, onde se destacam os Estados da Paraíba e de Pernambuco. Essa iconografia é completada pela voz em off que reduplica a mensagem das imagens, reforçando-as e, com uma impostação retórica.

Há muito tempo que não chove, a terra seca, virgem de água, racha-se até o horizonte, os homens abandonam tudo o que construíram, as longas caminhadas, os entes queridos já mortos, a casa ficará de recordação. (O canto do mar, 1953).

Outra obra cinematográfica, lançada em 2000, dirigida por Guel Arraes e baseada na peça teatral “O auto da compadecida” (1955) de Ariano Suassuna, propõe abordagem semelhante, ao retratar a vida da população de Taperoá, cidade do interior da Paraíba. Ainda que o filme seja uma obra prima autêntica do Nordeste, trazendo uma bagagem cultural e a representação da cultura nordestina (especialmente no que se

refere à época em que foi produzido), nele, também se observam alguns elementos que reforçam estereótipos sobre o Nordeste. Recentemente, apesar do hiato temporal, com a sequência do filme - “O auto da compadecida 2” -, nota-se, ainda, um exagero nas cenas retratadas do Nordeste e a utilização excessiva de computação gráfica e inteligência artificial, corroborando com imaginários estereotipados. No filme, se retrata uma Taperoá de forma estática, como se estivesse parada no tempo, enquanto outras regiões do Brasil estavam se desenvolvendo.

No Brasil, segundo o site da Agência Brasil, as primeiras cenas de cinema representaram a Baía de Guanabara e a exaltação do Rio de Janeiro. Dessa forma, nota-se a diferença no que se refere a produção de narrativas audiovisuais sobre o Sudeste e o Nordeste do país.

Vale ressaltar que a sociedade, muitas vezes, prefere o consumo de enredos que trazem o Nordeste de forma “clichê”, como foi citado anteriormente. Isso aponta para um comodismo no que diz respeito às imagens e imaginários produzidos, o que ao mesmo tempo revela uma forma de controle sobre o que se propõe ser o Nordeste. Dessa forma, as indústrias que produzem filmes e novelas buscam audiência e retorno, acarretando em produções com o mesmo enredo e/ou estética. Entretanto, mesmo que em um menor número de experiências, narrativas mais críveis são também produzidas, como aconteceu quando do Cinema Novo, movimento cinematográfico brasileiro que explorou temas relacionados ao Nordeste, porém, não necessariamente para reforçar estereótipos. Embora algumas obras possam ter apresentado imagens estereotipadas da região, muitas outras buscaram retratar a realidade social e cultural de forma autêntica e crítica. O movimento foi marcado por uma diversidade de abordagens e visões sobre o nordeste e outros aspectos da sociedade brasileira.

Diante desse cenário, ressalta-se a necessidade de se superar visões limitadas sobre o Nordeste, visto costumeiramente como um outro, menor. Dessa forma, é necessário incentivar os meios de produção e seus públicos a produzirem narrativas que explorem problemáticas reais, adotando novas perspectivas a partir das quais os nordestinos deixem de ser retratados como atrasados, imaturos ou meros trabalhadores, passando a ocupar papéis de protagonismo e prosperidade.

CONCLUSÃO

Considerando as discussões promovidas neste trabalho, é importante destacar que é necessário modificar o enredo em que o Nordeste é remetido à situações de miséria, sem belezas naturais, de pessoas fracas, ignorantes e que não prosperam na vida, o qual generaliza a região a partir das características da seca e da fome.

Assim, nota-se o quão é necessário o combate ao estereótipo do Nordeste em telenovelas e no cinema. É fundamental, dessa forma, a promoção de conteúdos que mostrem a diversidade e a riqueza cultural, econômica e social da região, enfatizando histórias de sucesso e aspectos positivos do Nordeste.

Quando as obras audiovisuais incorporarem uma visão fiel e abrangente do Nordeste, elas poderão contribuir para a derrubada de preconceitos, construindo retratos mais equilibrados da realidade, levando em conta as belezas que a região oferece, a sua diversidade ecológica, grande extensão territorial, além da sua rica cultura que, por si só, é multifacetada e complexa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006.

JOLLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

NO RANCHO FUNDO: novela globo. **Gshow**: Mário Teixeira, 1 mar. 2024. Disponível em: <https://www.google.com.br/amp/s/gshow.globo.com/google/amp/novelas/no-rancho-fundo/noticia/no-rancho-fundo-historia-de-amor-e-superacao-marca-a-proxima-novela-das-seis.ghml>. Acesso em: 16 maio. 2025.

O CANTO DO MAR. Direção: Alberto Cavalcanti. Cinematográfica Maristela; Kino filmes S.A., 1953. Disponível em: <https://youtu.be/lsSdg37lf6E?si=OUXC9W-yQM0rkGqh>. Acesso em: 16 maio. 2025.

SIMAS, Lorena. Desmistificando a representação social do Semiárido brasileiro a partir de imagens fotográficas. In: Congresso de ciências da comunicação na região nordeste, 19., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0614-1.pdf>. Acesso em: 16 maio 2025.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Editora Record, 2013.